

E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo

What if we stopped surviving? A small book to think and act against the dictatorship of time

Danielle de Gois Santos Caldeira¹

Resumo: E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo mostra-se uma leitura necessária na difusão de reflexões e na construção de estratégias no tocante aos modos como vivemos a condição humana. A obra revela-se inspiração para rompermos com as naturalizações do tempo, nas quais mulheres e homens foram se habituando a considerar suas leituras sobre o tempo como um caminho inalterável quanto a valorização de individualidades o que reforça uma ideia de diferenciação e valorização destes frente aos demais, inclusive por desempenhar funções progressistas e de civilidade. A presente resenha propõe disseminar reflexões e mudanças nos modos de vivermos de modo a realinharmos as ligações que se mostram em risco de deterioração entre viver, sobreviver, tempo e humano. A obra reúne um conjunto de textos independentes construídos ao longo do percurso acadêmico do autor, o que se mostra atual, demonstrativo e instigante de diálogos sobre o tempo e suas implicações nas relações humanas com estudiosos como Friedrich Nietzsche, Emmanuel Levinas, Martin Heidegger, Hannah Arendt, entre outros de grande relevância aos esforços na reinvenção do humano.

Palavras-chave: Tempo; relações humanas; viver; sobreviver.

Abstract: *What if we stopped surviving? A small book to think and act against the dictatorship of time*, it shows a necessary reading in the diffusion of reflections and in the construction of strategies with regard to the ways in which we live the human condition. The work proves to be an inspiration for us to break with the naturalizations of time, in which women and men have become accustomed to considering their readings on time as an unalterable path in terms of valuing individualities, which reinforces ideas of differentiation and valuation of these in relation to others, including for performing progressive and civility functions. This review proposes to disseminate reflections and changes in the ways of living in order to realign the links that are at risk of deterioration between living, surviving, time and the human. The work brings together a set of independent texts built along the academic path of the author, which proves to be current, demonstrative and instigating dialogues about time and its implications for human relations with scholars such as Friedrich Nietzsche, Emmanuel Levinas, Martin Heidegger, Hannah Arendt, among others of great relevance to the efforts to reinvent the human.

Keywords: Time; human relations; to live; survive.

¹ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

A obra *E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo* de autoria do professor doutor André Barata oferece ao público reflexões e provocações quanto ao tempo companhia indelével das histórias que estão sendo construídas. O livro ao longo de suas 108 páginas reúne 15 temas, organizados em seções independentes, aos quais Barata vem se dedicando em seu percurso acadêmico. O tempo apresentado enquanto tema central do livro provoca tónicas na sociedade atual ao romper com estreitas ligações entre tempo e relógio, ligações estas que acabam por deixar de fora outro tema que torna este trabalho instigante, original e singular: as relações humanas e o tempo. “E se parássemos de sobreviver?” é um convite inadiável a reflexão e a construção de estratégias a fim de romper com a naturalização do tempo que instaura uma atmosfera de inércia que retém mulheres e homens em ciclos repetitivos de sofrimento por não se ajustarem e não cessarem as exigências de produtividade e de uma idealidade não alcançável, pois esta se baseia numa massificação que exclui nossas singularidades.

Ao iniciar com uma citação de George Woodcock a respeito da obra *A tirania do Relógio*, Barata antecipa o ritmo da narrativa. Na sequência, não menos importante, aborda tempo e relógio remetendo-os aos diferentes sentidos dos afetos, à naturalização do trabalho, aos significados associados à mudança e aos laços de convívio que o tempo nos permite experimentar.

E se parássemos de sobreviver?

Na primeira seção temática capitalismo e sobrevivência são aproximados a produções que encaminham nossa sociedade a pertinência de se falar sobre modos de vida. O capitalismo e seus modos de guiar humanos que até fazem parecer que compõem em nós uma espécie de natureza, realiza significados e naturalizações a vida cotidiana. Nos deixamos absorver pelo que produzimos e não pelo espontâneo, passamos a admitir o espontâneo como incontrolável, indomável, logo, como algo ruim. A sobrevivência foi ressaltada por Barata como um imperativo que sempre nos acompanha desde o intransponível ato de nos alimentar à sobrevivência como modo de gerir o viver dos dias. Perdemos o mundo, perdemos a espontaneidade de construir sentidos e orientar nossas vidas. Um modelo econômico formulado para atender financeiramente individual e coletivamente surgiu acompanhado do esvair de sentidos ao que era sabido como valor, semelhante a sermos contemplados por um projeto inconclusivo e inultrapassável.

A ditadura do tempo

O personagem tempo foi apresentado em protagonismo unânime no que diz respeito a suas influências as relações humanas, sem distinções contacta com todos, concomitante, por se mostrar constante passa-nos despercebido. Mulheres e homens se mantêm presos refazendo, gastando, esbanjando, esquecendo como se estivéssemos condicionados ao tempo de maneira infantilizada, nos restando diante da falta de alternativa, brincar com ele. Não obstante aos usos que atribuímos ao tempo, agimos como quem explora em favor de quem e do que? Sem uma resposta imediata, apesar de instigar perguntas desta natureza, Barata despertou e desperta-nos a criação de valor associada ao tempo e às suas expressões que compõem as vidas humanas em todo o mundo ao longo de sua história. O trabalho, conforme sinalizado, se destaca pelo caracter realizador que proporciona. As dinâmicas dos processos sociais comprometem a tripartição do tempo, conforme sugere o autor, com sentidos que remetem posse e ultrapassam o cronológico exemplificados em: passado como uma segura instância de confiança quer para o bem quer para o mal; presente por sua excessiva incerteza e o futuro tratado com demasiada imprevisibilidade. Mesmo diante desta tripartição, Barata propõe que o tempo seja investido de cuidados a nós.

Passado: nome da acumulação da desigualdade

Falar sobre passado remete a termos maior clareza quanto ao entendimento de justiça. Nesta tarefa, John Rawls foi introduzido a narrativa através de seu Princípio da Diferença que analisa as desigualdades expondo ações que contribuem para marcar vidas como a justiça intergeracional e as memórias das dívidas como um meio de contribuir para as gerações se conformarem quanto as diferentes formas de esquecimento social.

Futuro: uma ideia com futuro incerto

Nesta seção, as reflexões oportunas são sobre futuros, principalmente, a não naturalidade deles. A pergunta a qual somos direcionados a refletir diz respeito a: o que fazemos com relação ao nosso tempo? Presente e futuro estão dependentes das escolhas realizadas por todos a todo instante. O tempo não se apresenta um objeto a nossa conveniência. Com os anos e todo nosso empenho em adquirir e manusear tecnologias, industrializações e meios de produção estamos nos perdendo, condicionamos o não condicionável, o existir transformado em coisa. O existir convive pressionado pelos imperativos de futuro que inevitavelmente não garante resultados, mas comprometem como serão vividos os dias. Conforme Barata, o Princípio de Incerteza de

Heisenberg provoca o convívio com o presente em algo diferente do que vem sendo experimentado, pois não há actualmente um interesse às descobertas inerentes a convivência. O filósofo da alteridade Emmanuel Levinas auxilia na tarefa de desmistificar que totalidade não quer dizer extinguir o infinito, tornando assim tudo manipulável e previsível, e sendo as totalidades não conclusivas nos provoca uma questão: como conviver? Friedrich Nietzsche e Giorgio Agamben são lembrados pelo autor pelas assertivas de que as soluções aos dilemas não residiriam no humano adequar-se ao tempo, mas nos localizar na dissonância existencial dos dias. Acrescenta-se a narrativa, Martin Heidegger com as reflexões presentes em seu espólio de sermos seres-dos-possíveis incluindo neste exercício sermos ser-para-a-morte.

“Nada de longo prazo!”

Richard Senett, em sua obra *A Corrosão do Carácter. As consequências do trabalho no novo capitalismo*, inicia a reflexão desta seção. Entre diferentes modos de nos relacionar com funções, trabalhos e empregos afastamo-nos constantemente do entendimento de que os projectos aos quais nos lançamos a desempenhar são conclusivos, e esta conclusão não quer dizer que seus atores se findam juntamente com os projetos. Há um despertar de atenção para nossas tarefas permanecerem envolvidas com nosso existir. A transitoriedade da vida nos ajuda a situar-nos diante do provisório. Sennet distingue-se de outros pensadores através de sua compreensão do tempo no capitalismo pós-industrial ao chamar atenção em seus escritos para as consequências emocionais, éticas e existenciais. O regime de trabalho abala o que entendemos como o cerne do humano, seu carácter, e este argumento une Barata e Sennet. Nesta direção, atentos ao que o regime do trabalho suscita entre humanos crescem-se factores como a cultura do risco que nos confronta com a precariedade das relações.

Trabalhar não é assim tão bom...Mitos do trabalho assalariado

A escassez de trabalho remunerado acaba por suscitar referências quanto ao que o Barata ressalta sobre os mitos do trabalho assalariado a partir dos exemplos: individualmente realizador; um aspecto central na vida em sociedade; não se trabalha se não houver a pressão salarial; custa mais a ganhar. Quanto a realização individual, joga-se com este argumento, principalmente, em um cenário de valorização dos especialismos, de individualidades onde se defende que isoladamente ampliamos as chances, diminuimos as circunstâncias inesperadas e ampliamos a auto-suficiência. As contradições deste mito esbarram em dois pontos: as condições de uma auto-realização não são alcançáveis excluindo ou sendo indiferentes aos

demais, e o fato de não compartilharmos condições iguais para atingir objetivos ou concretizar projetos. A centralidade social rivaliza com a constância de expressarmos diferenças, ao que se responde tentando eliminar as diferenças ao invés de questionarmos e compreendermos que as desigualdades são características que nos pertencem. A preguiça que subverte a naturalização de um crescimento, leiam consumo, é hipervalorizado. Custar a ganhar como justificativa de consumir ajuizadamente, isto é, justificar a constante necessidade de consumir infantiliza homens e mulheres que deveriam ficar a espera de alguém que lhes diga o que é útil e bom. As prioridades ditadas pelos grupos sociais são arbitrárias e trabalham no sentido de confundir os consumidores, confundir como sinónimo de normalizar metas a ser alcançadas, necessariamente por todos, pois há difusão prévia de penalidades para quem não se integrar a recomendação do consumo como uma faceta da civilidade e do progresso.

Teses por um RBI, mas não qualquer um

O trabalhador vem sendo substituído pela automação, por subfunções e subsalários, contudo ao trabalhador, ao longo dos anos, outra função o contempla: consumidor. Os consumidores se revelam necessários e imprescindíveis a perpetuação do capitalismo. Independentemente dos rendimentos o que se mostra indispensável é que o consumo continue a existir. O trabalho manifesta seu valor pelo seu fim, a finalidade é mais valorizada do que todo o processo que a envolve. Desta forma, Barata questiona os leitores: o que estamos realmente a vender quando vendemos a nossa capacidade de trabalho senão a vida que vivemos? Trabalhadores remunerados ou não temos sempre nosso tempo de vida sendo negociado. Apesar dos rendimentos estarem se rarefazendo, há uma necessidade por RBI (Rendimento Básico Incondicional) que responda as discrepâncias sociais, uma vez que o Estado Social deixa lacunas e assim sendo, nem mesmo a contar com ele são garantidas cidadania e segurança de trabalho (garantia de trabalhos).

As desigualdades continuam a somar, tal como Barata ressaltou nas observações de Kurt Vonegut em sua novela *Utopia 14* (ou *Player Piano*, que era o seu título original), publicada em 1952, na qual uma sociedade futura é descrita como aquela em que o lucro inutiliza o trabalho humano, pois deixa se guiar por mecanismos de automação. A RBI contradiz-se, pois não é suficiente incluir via rendimento mínimo quando o objetivo é a sobrevivência.

Para acabar com a economia política

Como situar os ideais de emancipação humana quando acompanhamos ao longo da história diferentes vigências dos sistemas económicos, divergências políticas e bem comum se mantendo integrados? Hannah Arendt foi lembrada por Barata graças aos esforços da filósofa em destacar as contradições das aproximações economia e política que colocam em jogo a liberdade pública do plano político e a ordem privada do plano económico. A democracia não deixa de estar em questionamento se não remetermos aos modos como tornou-se cerne de vidas, se não extrapola com interesses, se não trabalha pelo comum. O capitalismo modificou-se, ou talvez, não tenha sido perspectivado desde seu início, como o marxismo acabou subvalorizando-o remetendo a questão da exploração do trabalho, enquanto meio e fim a exploração do capital, segregação de situações conforme o acúmulo de bens. Tal como propõe o autor, libertação do rendimento face ao trabalho, libertação do trabalho face o rendimento fala-nos de uma libertação impossibilitada nas escolhas que estamos elegendo. De um lado, estão as exigências pelo humano, de outro não são destacáveis exigências ao sistema, assim, acompanhamos seu avanço na direção de alienação que controla socialmente, inclusive, as necessidades humanas.

E se deixássemos às máquinas a produtividade?

O que fazer quando temos em jogo ações laborais exigentes das relações entre pessoas? E se para sermos quem somos nos for necessário tempo? E se não nos permitirmos tempo e acabarmos por nos envolver numa sequência de atividades que nos perturbam? Estas perguntas, entre outras, ocorreram conjuntamente a apreciação que Barata nos convida a refletir ao ressaltar tempo e manejo endereçados para os humanos, mas que nos oferecem um viver semelhante a automatização das máquinas. Aparentemente é mais importante parecer que nada sentimos ou nos afetamos, de maneira a nos assemelharmos mais com as máquinas. No entanto, esta aparência consensualidade que muito se justifica nas hierarquizações sociais, pela ideia que precisamos mesmo é progredir, leiam consumir, diante dessa finalidade aparentemente nos esquecemos que mulheres e homens trabalham para outras pessoas, acompanhando o ato de trabalhar de um relacionar que não é equitativo, mas que inaugura sentidos e relações.

A boa tecnologia não explora, apanha boleias

A produtividade tem feito ao longo dos anos com que sistemas económicos sentenciassem os modos como as pessoas devem organizar suas vidas. Paradoxalmente os anseios por

parecermos mais produtivos em relação aos demais e a produtividade não permitem que as pessoas respirem, a mesma tecnologia que foi vinculada como progresso e evolução coloca pessoas sob o risco de extinção. Em 1952, Martin Heidegger assinalou este presságio envolvendo homens e técnica na sua conferência *A questão da técnica*, na qual com muita clareza nos recordou a *techne* dos gregos evidenciando o ofício e o empenho do artesão. A técnica já fazia parte do mundo, antes mesmo de os humanos criarem tecnologias, portanto, a técnica repousa e é latente a possibilidade produtiva. Temos transformado tudo para nos servir, contudo aparentemente esquecemos que nem tudo conseguimos reduzir a um recurso e nisto repousa parte de nossa salvação.

Quando podemos passar ao entendimento de que nada produzimos, e sim, confiarmos nosso trabalho às forças que nos farão crescer? Esta confiança exige-nos esforço, tal como Barata valoriza neste livro os esforços para nos mantermos humanos e cuidados a contar com as escolhas já realizadas pelo capitalismo em nossas vidas. A tecnologia que colocamos em prática, e até mesmo aquela que queremos, nos exige esforços e continuamos a querer nos poupar. Uma lógica que nos ameaça mais do que nos faz crescer. Hans Jonas nos oferece a oportunidade de alterar as isenções com seu princípio ético de responsabilidade, que conforme Barata se alarga na actualidade, quando percebemos que inclusive moralmente nos colocamos em risco de fazer do consumir uma qualidade.

O melhor das nossas propriedades é podermos tirá-las do mercado

Uma aproximação não tão provável faz-se presente nesta seção: direito à propriedade e aos direitos humanos; e liberdade. A liberdade, segundo Barata, se apresenta como segurança e alívio a quem tem posse de propriedade por si. O autor nos recorda que para John Locke, o direito a própria propriedade repercutia em uma liberdade sinónima de individualidade, sermos donos de nós. A liberdade repercutiria inclusive com nos mantermos em relação, uma oportunidade de partilha. Contudo, esta condição não nos isenta de sermos explorados e nos explorar, inclusive no que diz respeito a nossa existência.

Verdade e democracia - outras duas vítimas da ditadura do tempo

As redes sociais são eleitas espaço de demonstração de como verdade e democracia vem sendo forjadas. Antecipadamente, nos alerta Barata, contamos com um entendimento: as redes sociais parecem espaços públicos, mas não são. Parece que estamos diante de um fenômeno de como os comportamentos de pessoas são expressos espontaneamente, porém encontramos

combinações algorítmicas, que manipulam quaisquer entendimentos antes vistos sobre liberdade conciliados aos oportunos acessos gratuito e livre. Porém, vale reiterar a posição de que a formulação de um pensamento envolve por sua vez concatená-lo, admitir uma razão entre muitos caminhos. Barata nos recorda que já forjamos aquilo que Sigmund Freud intitulava de aprendizagem de princípio da realidade, agora nos basta manejar com a artificialidade extensível das redes sociais. As transformações que estamos acompanhando sobre nossa relação com a verdade têm diminuído a complexidade dos espaços públicos. Em questão está a não isenção nesta relação da verdade ser persuasiva, persuasiva ao bastante de modo a parecer que as diferenças que compõe os humanos são nocivas. Verdade e democracia não são novidades consensuais entre os modos de vida, a indissociabilidade com que se expressam não afirma que uma não existe sem a outra, mas como se contaminam e nos contaminam. A política, inclusive, é inserida neste diálogo como tarefa de religar-nos ao mundo uma vez prevenidos que há importância nas palavras, nas posições, nas diferenças e nas construídas semelhanças.

A lógica da exclusão é um exemplo, que o autor se vale, não é o excluído que cria as regras de como será seu relacionar com os demais. O lugar do excluído já havia sido previsto, antecipadamente foi capturado, contudo não significa que não há saídas, em jogo está não negligenciarmos de nos cuidar, pois ser capturável é um risco incansável e que assiste a todos.

A liberdade de nascer e de morrer: para pararmos de sobreviver...

Cícero e Montaigne são lembrados por ao refletir sobre o morrer já admitirem um viver que precisa encontrar seu lugar. Montaigne com sua proposta de uma vida ilimitada atribuída a uma vida que não tem sentido. Proposta possível de ser desejada a considerar os anseios de sociedades por prolongar a artificialidade da vida. Prolongar vida não quer dizer prolongar o sentido do viver, os encontros, e sim em comum submeter a todos em implicações sobre como será vivermos juntos. A tarefa de trazer luz as repercussões de um sistema económico nos modos de viver são alertas a naturalidade com que lidamos com vidas reduzidas ao gerir económico, a manutenção de vidas através do consumo, nem que seja consumo de experiências, isto é, passividades disfarçadas de comodismos que nos colocam frente a ameaça de extinção do viver.

Façamos greve ao tempo!

A industrialização do tempo inaugura uma industrialização do humano. Um pressuposto que não poderia deixar de ser referido neste livro e que recebe ênfase nesta última seção: a

realização como viver e a necessidade como sobreviver. As dinâmicas se complexificaram a um ponto em que não podemos não ter tempo, não podermos deixar de ser o mundo onde estamos, o que parece fatidicamente nos encaminhar a seguir com coordenadas outrora estipuladas, e que inclusive foram requeridas.

Deixa-nos de ser facultativo, torna-se imperativo, contudo, a contar com o facultativo podíamos nos fazer presentes. Os reencontros com nós mesmos passam a ser agendados, previsíveis, inclusive com estratégias de assim melhor dispor. Com o alibi das redes sociais gratuitas e livres, nas quais é possível dar outros nomes para as ansiedades, angústias, medos, indignações seguimos arriscando nosso existir. Estes atuais cenários para dar sentido a vida não poderiam seguir com seus propósitos a contar com nossa passividade, iniciativas como esta de provocar não conformismo fazem da leitura deste livro uma urgência a impelir ações. Barata intervém para a reflexão como estratégia do pensar cuja condição nos é original, nos liga, nos reconecta com o tempo e nos transforma.

Referência

Barata, A. (2018). *E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo*. Editora Sistema Solar. CRL (Documenta).